

12 e 14/1/1985

Trabalhadores rurais rejeitam proposta de trégua de 15 dias

por Marina Takiishi

de Guariba

A proposta de uma trégua de quinze dias para negociar com a classe patronal em troca de criação de frentes de trabalhos para os desempregados dos municípios onde está ocorrendo a greve dos bóias-frias fracassou e a paralisação foi mantida. Tanto as lideranças da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) quanto as da Central Única dos Trabalhadores (CUT), tinham em comum a posição de que o fim da greve deveria ser decretado na sexta-feira, mas os trabalhadores decidiram permanecer parados, embora os sindicalistas tenham aceito a proposta do secretário Almir Pazzianotto Pinto, das Relações do Trabalho, e dos prefeitos locais.

Em Guariba, o fracasso do acordo de domingo último, dia 6, entre a Fetaesp e o Sindicato Rural de Jaboticabal foi fator determinante para essa decisão. Para este final de semana, não estavam descartadas a possibilidade de o confronto de forma generalizada e também de haver a repetição de incidentes como o da quinta-feira à noite. Em Pradópolis, no enfrentamento entre os que mantêm posturas contrárias em relação à greve, o encarregado da usina São Martinho, Pedro Gregório, conhecido como Macalé, acabou sendo atingido por uma bala.

"As pessoas pensam que as lideranças é que deflagram a greve, mas é o trabalhador quem decide", desabafou Hélio Neves, diretor da Fetaesp, depois de a proposta de trégua ser rejeitada por cerca de 3 mil pessoas reunidas no estádio Atílio Balbo, em Barrinhas. Já José de Fátima, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Guariba, disse apenas que "a decisão foi tomada pela maioria e nós temos de aceitá-la".

PREJUÍZO

Para o presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, Joaquim Augusto Azevedo Souza, produtor de cana-de-açúcar, algodão e milho, o cálculo dos prejuízos que a greve dos bóias-frias acarreta aos produtores e aos usineiros deve ser projetado inclusive para daqui a dezoito meses. É que até o final de fevereiro as áreas onde as canas foram arrancadas devem ser replantadas. Se isso não ocorrer, dentro de dezoito meses essa cana não poderá ser colhida.

Segundo suas estimativas, se o movimento grevista durar até o final de janeiro, abrangendo toda a área que atingia na sexta-feira, o montante da perda, projetada ao preço atual, deve ser da ordem de Cr\$ 87 bilhões.

Os milhares de bóias-frias de Sertãozinho, Barrinha, Guariba, Jaboticabal — que estavam em greve na sexta-feira — e das cidades vizinhas trabalham basicamente nas seguintes grandes usinas: Usina São Martinho (Pradópolis), Usina Santa Adélia e Usina São Carlos (Jaboticabal), Usina São Geraldo e Usina São Francisco (Sertãozinho). Além dessas usinas, entre outras, destacam-se a Destilaria Santa Luiza e as fazendas Santo Antônio, Pedreiras e Barrinha.

ENTRESSAFRA

No período da entressafra, a mão-de-obra empregada no campo é ocupada no plantio e no trato da cultura canavial. Já a parte agroindustrial fica com a produção da cana e do álcool praticamente desativada e as usinas aproveitam para realizar serviços de reparo, manutenção ou reforma das instalações.

A greve em desenvolvimento entre os trabalhadores da região de Guariba atinge basicamente a parcela que constitui a categoria dos trabalhadores rurais, onde a demissão, ao término da safra, é bastante acentuada, ao contrário do que ocorre entre os que trabalham dentro das usinas.

A cada entressafra, uma área aproximada de 10 a 20% da totalidade do canavial é replantada. Após dezoito meses, esses pés de cana já atingem a idade ideal para o corte, que é repetido numa média de quatro vezes, pois a duração de cada pé é de aproximadamente seis anos, quando são arrancados.

Daí até o replantio, a área é utilizada para cultivo do amendoim, cuja colheita é feita no mês de janeiro.

(Página 6)